

Maria Isabel N. Miguens de Carvalho Homem

ESPAÇOS, PATRIMÓNIOS E PERSONAGENS

AS COMENDAS
DA ORDEM DE CRISTO
NAS CERCANIAS DE TOMAR
(SÉCS. XV-XVI)



LIVROS
HORIZONTE

Coleção:
Horizonte Universitário 14087

Título:
Espaços, Patrimónios e Personagens: as comendas da Ordem de Cristo
nas cercanias de Tomar (sécs. XV-XVI)

Autores:
Maria Isabel N. Miguens de Carvalho Homem
Armando Luís de Carvalho Homem
Carlos Manuel Simões Varelas

Coordenação Editorial
Raquel Medina Cabeças (CEU-UAL)

Revisão:
Marta Cancela

Capa:
Sylvie Lopes

© Livros Horizonte, 2025

ISBN
ISBN 978-972-24-2149-2

Paginação:
José Teixeira

Impressão e acabamento:
Europress – Indústria Gráfica

1.ª edição: abril de 2025

Dep. Legal n.º 545099/25

DOI: <https://doi.org/10.26619/978-972-24-2155-3>

Reservados todos os direitos de publicação
total ou parcial para a língua portuguesa por
LIVROS HORIZONTE, LDA.
Rua João de Freitas Branco, 22, Atelier – 1500-359 Lisboa
E-mail: geral@livroshorizonte.pt
www.livroshorizonte.pt

A Cooperativa de Ensino Universitário, entidade instituidora da
Universidade Autónoma de Lisboa, promove a produção científica em
vários segmentos culturais, valorizando a relação entre a comunidade
académica e a sociedade. Desta forma, apoia a edição desta publicação,
contribuindo para a divulgação do conhecimento.

Í N D I C E

Nota Prévia	7
As Comendas da Ordem de Cristo	11
Tombo da Comenda de Dornes	13
Tombo dos Bens da Comenda de Beselga	37
Comenda do Sonogado	47
Tombo dos Bens da Igreja de Alvaiázere	71
Tombo da Comenda da Sabacheira	79
Tombo dos Bens da Comenda de Ferreira do Zêzere	83
A Toponímia de Ferreira do Zêzere	89
Tombo dos Bens da Comenda de Pias	101
Comenda de Casével	123
Tombo da Comenda de Pussos	133
Tombo da Vigararia de Tomar	155
Comenda de Vila de Rei	179
Tombo dos Bens da Comenda de Almourol	181
Tombo dos Bens das Comendas de Cardiga e de Almourol	183
Que Conclusões?	199
Fontes e Bibliografia	209

NOTA PRÉVIA

Os catorze estudos coligidos no presente volume consubstanciam a investigação (com pontuais colaborações)¹ de Maria Isabel N. Miguens de Carvalho Homem sobre as comendas do Médio Tejo (região de Torres Novas) em finais de Quatrocentos/princípios de Quinhentos, e representam o frutificar de um projecto de pesquisa proposto ao Centro de Investigação em Ciências Históricas (CICH/UAL).

Tomando por base o texto dos tombos respectivos, o estudo das sucessivas comendas vai proporcionando ao leitor percursos por espaços, patrimónios, personagens. Embora nuns casos predomine um texto potencialmente visualizador, noutros destaca-se um discurso mais «jurídico» – em função das condições dos empraçamentos – ou mais identificador de individualidades (titulares de prazos, validadores do tombo...), cujos officios, situação social, nomes, patronímicos ou alcunhas se ficam a saber.

Usemos, como exemplos significativos, os dados relativos a patrimónios das comendas de Sonegado, vigairaria de Tomar, Casével e Sabacheira.

Quanto mais não fosse pela sua extensão, o tombo da **vigairaria** proporciona-nos um panorama interessante.

Abre o texto com a descrição de dois «apousentamentos» de casas destinadas ao vigário D. Diogo Pinheiro. O primeiro ficava dentro da cerca, o segundo próximo de Santa Maria do Olival.

Na vila, na Rua de Gil de Avô, havia casas aforadas a Ana Gonçalves; mais acima (Travessa de Meios), estavam casas aforadas

1. Do autor destas linhas, do arquitecto João Pancada Correia, docente da UAL, arquitecto, a quem se deve a elaboração das plantas da zona central de Tomar e das casas do comendador na vila, e de Carlos Manuel Simões Varelas, Mestre em História, Arte e Património pela UAL.

a Catarina Álvares Alcoforada. voltando à dita Travessa de Meios – extremo norte da vila – podiam encontrar-se casas aforadas ao tabelião Pêro Luís.

Na Rua de Peraguilha havia uma pequena casa térrea, aforada a Lopo Dias Colaço; no termo da rua, dentro de casas de João Fernandes, tinha a Ordem «um pequeno de casa», confrontando com dois quintais e casas.

Uma inflexão para sul transporta-nos aos lados de Ribafria, a um chão à Calçada das Olarias que vai para a Porta de Almedina. Já para além de Santa Maria dos Anjos, no Vale da Água das Maias, um olival partia com dois outros – um da já referida Briolanja Luís, e mais um aforado à Azeda, vizinha do oleiro Fernão Gil.

À Cruz de S. Martinho, no caminho para Ourém, uma cerrada de olival confrontava com um olival que fora de Frei João Mangancha. O emprazamento feito a Fernão Jorge, morador em S. Martinho, era anterior a 1484, pois se diz que fora confirmado por D. Manuel «em sendo duque».

Tudo isto permite verificar como a cultura «dominante» é a do olival: um à ermida de Santa Maria do Monte; outro a Porto Travesso; um outro partia com olivais da capela do Famusgo, do hospital e dos herdeiros de João Gonçalves da Barba. Em Palhavã outro olival, a sul do caminho para a Lousã, na vizinhança da viúva do físico Mestre António, de Frei Gonçalo, saião, e de Martim Afonso Manso. Alude-se, igualmente, a vinhas: junto a Santa Maria do Olival havia uma vinha e terra de frutícolas confinante com a estrada que, para sul, se dirigia a Maria Naia, próximo do Ribeiro dos Gafos.



Mais rico em informações antroponímicas, o tombo do **Sonegado** não deixa, *malgré tout*, de propiciar alguma informação sobre patrimónios.

Pertencentes, ao tempo, ao prior da Ordem, D. Frei Nuno Gonçalves, as propriedades da Comenda estavam essencialmente em: Vale do Poço; Aldeia de João Prestes; em São Silvestre de Beselga, a sudoeste de Tomar; em Monforte; em Vale dos Juncais; em Enfesta, nas imediações da estrada para Torres Novas; em Sonegado; no lugar de Piolhinho, a curta distância para sul de Tomar, na margem direita do Nabão; na Corredoura do Mestre que, ao tempo, pertencia ao termo da vila; em Santa Maria dos Anjos, na proximidade da estrada

de Tomar a Torres Novas; em Vale do Porteiro; em Poças, a norte da vila, ao caminho dos Olivais de Cima; em Peixinhos, que mantém a denominação em Casal dos Peixinhos, na orla de Tomar; em Ferragial; quanto a Cardais, entre Marmelais, Palhavã, Santa Maria e Coito (actual Couto), deu nome a uma quinta; Quartas poderá corresponder à Rua das Quartas, em Carvalhos de Figueiredo; e o ribeiro de Sampisco situar-se-ia junto ao olival a que deu nome.

A descrição sumária das habitações dá nota de quão simples eram: casas de pedra, barro e madeira, um palheiro com cobertura de colmo, pardieiros em ruínas... a área ocupada era de quase 32 m² (cerca de 7,15 m de comprimento por 4,40 m de largura), a que acrescia a terra de vinha, de frutícolas e de olival, correspondendo, quanto possível, à distinção social do seu foreiro, o escudeiro Pedro Álvares.

Os foros incidem essencialmente sobre cereais – mais trigo do que cevada –, azeite, ovos e vinho, contemplando-se também o pagamento em animais, fossem eles galinhas e porcos, mas as terras que se encontravam a São Silvestre de Beselga obrigavam a pagamento em lenha e palha.

O revestimento arbóreo era formado por azambujeiros, carvalhos landeiros, oliveiras e sobreiros, bem como ameixeiras, figueiras e algumas romãzeiras, amendoeiras e macieiras, a par da vinha, muito presente.



Actual freguesia do concelho de Tomar, a comenda da **Sabacheira** confrontava com os termos de Alvaiázere e de Ourém, com as comendas de Póvoa e de Pussos e com terra da comenda de Alviobeira.

Em 1504, pertenciam à comenda a Igreja de Nossa Senhora, as casas para aposentamento do comendador, junto das quais estavam as que serviam de adega e de celeiro.

Era na vila de Tomar que se encontravam as duas únicas casas então aforadas: umas na Rua Nova (localização antiga da judiaria), das quais se tinha feito prazo novo; as outras, que ficavam na Rua dos Oleiros, estavam desabitadas e eram pardieiros, igualmente reempzados.



Finalmente, a comenda de **Casével** era, em 1503, uma freguesia do concelho de Santarém.

No conteúdo respectivo são de destacar as diversas descrições que por vezes se fazem dos compartimentos das casas, bem como dos conteúdos lá existentes. Assim, e quase a abrir, reportam-se antes de mais as casas de aposentamento do comendador, com uma casa-torre sobradada (de 5 x 9 varas) e uma chaminé ao levante. Enumeram-se as outras divisões (a sala com forno, a cozinha, o balcão de despejos, as duas estrebarias e a câmara sobradada) e as dimensões respectivas (de novo em varas); e acrescenta-se o equipamento existente nas casas (na «lógea» da câmara sobradada estavam potes grandes de azeite, vinho e pão, e potes pequenos de pão).

Já perto do termo deste percurso, refere-se à quinta da Torre da Ordem, em cujos moinhos havia seis rodas e um pisão; os ditos moinhos eram arrendáveis pelo comendador a quem os quisesse.



Como é evidente, não faltam nos textos das comendas informes sobre a antroponímia das gentes e sobre os topónimos da região. mas não vamos mencioná-los aqui. Para o Leitor, pretendemos deixar o essencial da contextualização do volume e dos informes que cada um desses textos proporciona.

Armando Luís de Carvalho Homem²

2. Professor Catedrático aposentado da Universidade do Porto/Faculdade de Letras – Departamento de História e de Estudos Políticos e Internacionais; Professor convidado da Universidade Autónoma de Lisboa.

AS COMENDAS
DA ORDEM DE CRISTO



TOMBO DA COMENDA DE DORNES

O tombo da comenda de Dornes¹, elaborado por Frei Francisco, capelão do rei e escrivão da visitação efectuada para o efeito, apresenta no seu cólofon a data de 1504 (Out. 7) e, como os restantes, foi mandado elaborar por Frei Dom João Pereira, fidalgo da Casa do Rei e comendador de Casével, e por Frei Diogo do Rego², do Desembargo régio, cujas assinaturas foram apostas, sendo ambos visitantes do Mestrado da Ordem de Cristo.

Inicia-se o texto com a descrição dos limites da vila e termo. Da enumeração algo longa retemos os seguintes factos: como era usual, são as linhas de água os elementos preponderantes na delimitação das terras; mas também encontramos os *penedos*, que são *pardos* as mais das vezes, uma *grande* pedra de mármore (com um côvado de altura, ou seja, cerca de 66 cm³) e até uma pequena *pedra lousinha*⁴; as árvores de maior porte, sejam sobreiros e castanheiros, ajudam a definir os limites, e as estradas são outros pontos de referência. Ao tempo, esses elementos eram adequados e suficientes, mas perderam, entretanto, tal importância: como encontrarmos hoje aquele *souereiro ao pee de huña barreira na borda da estrada?* a altura dos marcos foi medida em côvados e em palmos, excepto quando, sendo menor, se diz apenas que era de pequena altura ou, pelo contrário, que um deles é altura

1. ANTT, O.C./C.T., Liv.º 303, fs. 2-11v. Publicado em *Tombos da Ordem de Cristo*, vol. II: *Comendas do Médio Tejo (1504-1510)*, 2005, pp. 5-57.

2. Frei Diogo do Rego era bacharel em Direitos.

3. BARROCA, M. J. (1992), Medidas-padrão medievais portuguesas, *Revista da Faculdade de Letras, História*, 2.ª série, vol. 9, Porto, pp. 53-85.

4. A expressão suscitou a atenção de Moraes Silva que a registou dizendo que «parece ser lage toska»: SILVA, António de Moraes, *Diccionario da Língua Portuguesa*, tomo 2.º (F-Z), Lisboa, 1813. No entanto, na 6.ª ed. (1858), identifica esta pedra como uma «espécie de pedra schistosa, que sai das pedreiras em grandes laminas, ou lascas» (p. 298).

de *huum homem pellos peitos*. Outras referências, mais singulares, são as que mencionam nomes de pessoas que por ali viviam, com quem se relacionava algo que se afigurasse conveniente para melhor situar a demarcação: são os casos de João Fernandes (os seus castanheiros estavam junto da aldeia de Ereira), de Gonçalo Pires (tinha um curral entre certo marco e a estrada) e de João Pires (no seu palheiro estava outro marco), como de Gonçalo Afonso da Galeguia⁵ (com um moinho recente perto do ribeiro da Mata), de Gonçalo Vaz das Menechas⁶ (no cômodo da sua eira localizava-se um marco) e de João Gonçalves (outros marcos num seu casal), ou ainda os de João *Alvo* (os que estavam junto das casas) e de João *Preto* (outro marco à casa onde habitava sua mãe, perto da ribeira de Brás), sendo estes dois últimos interessantes pelas características que os respectivos sobrenomes assinalam, como veremos adiante. O percurso e as delimitações apenas por estimativa os podemos calcular: partindo da foz da ribeira da Retorta que ficava junto do penedo da Fisga, subia até à estrada velha, até ao porto da Água da Ferrugem; daí ao penedo da Água Má, ao vale do *Arrizado*⁷ e à portela do Salgueiro; entrava-se então na estrada que corria para Tomar, de onde se chegava a Cabeça de Boi e à aldeia da Ereira; depois chegava-se à estrada para Coimbra, que se atravessava para chegar ao penedo dos Corvos, situado numa ladeira de vale de Orjais. Até aqui Dornes confrontava com Águas Belas, passando a confrontar com Tomar, quando das Galegas se chegava ao ribeiro da Mata. Uma interessante referência que encontramos é relativa à desaparecida ermida de S. Jordão⁸, que marca o ponto de nova confrontação de Dornes, agora com Alvaiázere: pelo cabeço da Água Travessa alcançava-se a estrada para Figueiró dos Vinhos, subindo até à ermida de Santa Maria da Orada, novo ponto limite onde chegavam os termos de Pussos e de Arega. Finalmente, Dornes partia com o termo da Sertã pelo sítio onde a ribeira de Brás entrava no Zêzere e seguia até ao penedo da Fisga, ponto de partida.

5. A Galeguia dista de Dornes (em linha recta) cerca de 9,37 km.

6. Segundo Carvalho da Costa, este topónimo foi alterado para Vale de Aveleira (*Corographia Portugueza*, Tomo III, cap. XVIII, p. 214).

7. «Atado com rizes ou corda» em Bluteau: BLUTEAU, Rafael, *Vocabulario*, s.v., p. 123.

8. COSTA, P. António Carvalho da, *Corographia Portugueza...*, 1706, vol. III, cap. XV, pp. 203-209, *máxime* p. 203.

Na vila de Dornes menciona-se a igreja de Santa Maria do Pranto⁹ e a torre que junto dela se encontrava, escusando-se outras referências por se encontrarem já no processo das visitas¹⁰.

No entanto, logo depois, descrevem-se com pormenor as casas de apousentamento do comendador-mor. Algumas singularidades que atestam o relevo de que se revestiam são as três chaminés de tromba, ou seja, três chaminés com cano para escoamento dos fumos, as escadas de madeira e as janelas de assentos. A cozinha madeirada, o palheiro, a estrebaria e a adegas dispunham-se em torno do pátio. Junto das casas encontrava-se a ermida de Santo Antão, já degradada. O local era designado «Granja» e envolvia um *circuito de terra*, que compreendia searas, árvores de fruto como oliveiras e cerejeiras, além de sobreiros e carvalhos; havia ainda um curral.

Diversos casais pertenciam a esta comenda de Dornes, cada um descrito com o indispensável pormenor:

1. O casal da Mata, com casas de pedra e barro, madeiradas e telhadas, e terra de vinha e árvores de fruto, castanheiros e oliveiras. Os foreiros eram Gil Anes e Inês Anes, caseiros encabeçados, contribuindo para o foro a pagar à Ordem os outros moradores que ali tinham também as suas casas e cultivos.
2. O casal da Figueira Regal¹¹, que confrontava com o anterior, localizava-se perto da estrada que ligava Dornes a Paio Mendes¹². Tinha casas com celeiros, uma azenha de pão, oliveiras, árvores

9. No foral de Arega (1201) consta uma testemunha identificada como *prelatus a Dornas*, pelo que é lícito afirmar a existência de uma capela antiga no local. Poderá ter sido a que foi reconstruída no ano de 1453 por D. Frei Gonçalo de Sousa, comendador de Dornes, chanceler e alferes-mor do infante D. Henrique. A sua arca tumular encontra-se no Museu Arqueológico do Carmo. Dornes recebeu foral de D. Manuel no ano de 1513 (Nov. 10); o de 1201 encontra-se *online* – ANTT, *Forais Antigos*, maço 1, n.º 7.

10. No tombo da visitação efectuada a 22 de Junho de 1536, que foi acompanhada pelo padre Frei António de Lisboa, como reformador e governador do convento de Tomar, e pelo vigário Frei João da Cal, mencionam-se a casa de sacristia, à esquerda da igreja, e, junto desta, a torre «de pedra, alta e antiga, com dois sinos *que sam do comcelho*». Encontra-se publicado por António Baião, «A villa e concelho de Ferreira do Zêzere. III. Dornes e o seu termo no seculo XVI», *O Archeologo Portuguez*, vol. XIV, pp. 290-294.

11. A figueira era uma das árvores mais cultivadas na região. Das suas diversas castas, a regal é aqui citada. GONÇALVES, Iria, «Sobre o coberto arbóreo da Beira Interior nos finais da Idade Média», in *Estudos em Homenagem a José Amadeu Coelho Dias*, Porto, FLUP, vol. I, pp. 321-350.

12. A localidade de Paio Mendes recorda o nome do antigo mestre que a fundou. Tem como orago São Vicente e constitui hoje, com Dornes, a freguesia de Nossa Senhora do Pranto, com sede em Frazoeira, pertencente ao concelho de Ferreira do Zêzere.

- de fruto e terras de trigo. Era foreiro Gonçalo Pires, que nele morava.
3. O casal de João Fernandes da Azenha confrontava com o da Figueira Regal. Tinha casas com forno, uma azenha, curral e palheiro; as terras de pão e as oliveiras, castanheiros, carvalhos e sobreiros e muitas frutícolas compunham o cultivo do casal, que se encontrava aforado a João Fernandes *Manso*.
 4. O casal de Fernando Afonso, que, como o anterior, recebeu nome do foreiro que o trazia aforado, confinava com o de João Fernandes. As casas compreendiam um celeiro, um palheiro e um forno, e numa outra casa abrigavam-se dois engenhos, um para moer trigo (*alveiro*) e outro para moer centeio e milho (*segundeiro*); aí ficava uma pequena câmara madeirada¹³, onde dormia o moleiro. Havia ainda outras casas, junto das quais ficava uma estrebaria. O cultivo de cereais convivía com as frutícolas habituais – oliveiras, castanheiros, figueiras, ameixieiras, macieiras e cerejeiras, além de carvalhos e sobreiros.
 5. O casal da Ferratosa¹⁴ entre Paio Mendes e Ereira, confinava com a portela dos Espinheiros e com o caminho do Alqueidão, assim como com o casal de Fernando Afonso. As casas compreendiam um forno, um celeiro, currais e palheiro, como já vimos ser usual. A informação mais interessante diz respeito à existência de uma ermida da invocação de S. Vicente, entretanto desaparecida¹⁵. As suas terras eram sobretudo de sementeira. O foreiro era Fernando Eanes da Ferratosa.
 6. O casal do Alqueidão estava aforado a Afonso Gonçalves e a Maria Gonçalves, sendo distintos os respectivos foros.
 7. Outro casal no Alqueidão foi aforado a Pêro Gonçalves que assim vizinhava com Afonso Gonçalves.
 8. Um terceiro casal no mesmo lugar, tinha com duas casas de morada, *cupertas de telha...* [com] *boas portas e ...corrigidas*, em que viviam a viúva Inês Pires e Pêro Dias, respectivamente. Confinavam com as casas de Pêro Gonçalves e com Fernando Álvares.

13. Um *retrete de tavoado* (fl. 23v).

14. Corresponderá ao actual lugar de Fartosa.

15. A actual igreja de Paio Mendes é consagrada a S. Vicente.

9. Várias courelas de herdade constituíam um casal com diversas referências toponímicas difíceis de identificar nos nossos dias. Estavam aforadas a Pêro Dias e a Inês Martins, aquele sem apresentar o título de aforamento.
10. Um casal no Outeiro, nas imediações das estradas de Dornes para Tomar e de Coimbra para Abrantes. Encontrava-se emprazado a Inês Anes, mulher de João Pires, em segunda vida, o que permite concluir que era viúva.
11. Casal na aldeia de Rebalvia, sem casas edificadas. O foreiro era Simão Fernandes, que não apresentou título.
12. No Ral havia ainda três casais e meio. Confrontavam eles com o de Urbano Álvares e Pedro Álvares da Corujeira. Um casal e meio encontrava-se aforado a Álvaro Martins, na sequência de prazo que fora de sua mãe, que não é nomeada; de outro casal era foreiro Gil Afonso e o casal que restava estava aforado a Pêro Fernandes.
13. O casal do Cavalinho ficava junto ao *ribeiro do Zurco*¹⁶. Fora aforado ao filho de João Fernandes, Álvaro Eanes.
14. Um outro casal no Alqueidão era confinante com as terras de Afonso Gonçalves (como vimos antes). Entravam neste casal uma leira na Corujeira, uma courela ao Barrocal e um souto à Ribeira das Fontainhas. O novo foro fora feito a Afonso Gonçalves, em três vidas. Quanto àquele souto, diz-se que confrontava com «terra de castanheiros» de Manuel Afonso; será este que encontramos mencionado numa diligência para habilitação a familiar do Santo Ofício, concedida após a devida inquirição, em 1647. O requerente era António Pereira, seu neto materno, de quem ficamos a saber ser filho de Sebastião Dias e de Maria Manuel, já falecidos, que tinham sido moradores em Dornes, neto paterno de Diogo Dias e de Catarina Álvares, neto materno de Manuel Afonso e de Maria Álvares; no entanto, estes tinham falecido havia muito e já não era possível recolher informações. Mesmo assim, esta informação não foi inútil, porque nos permite estabelecer a transmissão do nome de Manuel Afonso para sua filha – Maria, como a

16. Poderá referir-se o termo «zurco» à arte de arrastar dos pescadores de rio. No caso presente tratar-se-á de uma alcunha.

mãe, usando como segundo onomato o nome próprio do pai, ou seja, em função de patronímico. Fica a nota.

15. Já no termo de Tomar ficava o casal de Maria Nova, aforado a João Vaz. Partia com o termo de águas Belas.

Revertia também para a comenda e Ordem o terço do dízimo da produção do casal de João Pires, do porto da Romã e de vale de Orjais na parte do termo de Águas Belas, confinante com o casal de Martim Gonçalves, que também devia pagá-lo. Estamos aqui junto da estrada que ligava Abrantes a Coimbra.

Quanto às cerradas, estão arroladas oito, todas nas proximidades de Dornes:

1. A da Fonte da Arroteia, com duas fontes, que vizinhava com as terras de Lourenço Eanes do Beco, dos herdeiros de Pêro Fernandes, de Leonor Fernandes de Ribelas e dos herdeiros de Rodrigo Afonso. Estava aforada a Gomes Correia.
2. À Madroeira, a Vinha da Ordem, entestando no ribeiro de Valada, na terra de Pedro Álvares, em estrada pública e em terras dos herdeiros de Gil Vaz da Madroeira. O foreiro era Pedro Álvares, ainda que não tivesse o título de aforamento.
3. A S. Guilherme¹⁷ havia uma terra que confrontava com a de Genebra Pereira e com outra da Ordem. Andava aforada a Fernando Eanes *Junceiro* do Casal da Mata, ainda que sem título.
4. Outra courela em Frazoeira, confinante com a *cancela* de Fernão Gonçalves, com a estrada nova e demais caminhos, um dos quais ligava a Rebalvia. O foreiro era Diogo Fernandes da Frazoeira, também ele sem título de aforamento.
5. Um cerrado conhecido como «Horta», confinava com o Zêzere, com caminho público, com a ribeira de Cadafaz e com herdeiros de Heitor Gonçalves. Era um dos maiores, com árvores (sobretudo oliveiras, nogueiras, macieiras e pereiras) e terra de sementeira.
6. Um pequeno chão ficava no sítio chamado Paço, entre o adro da igreja da vila e o castelo, vizinho de outro chão da Ordem que se

17. Refere-se à desaparecida Ermida de São Guilherme. Carvalho da Costa menciona a ermida, já então destruída, encontrando-se a imagem do Santo na Igreja Matriz (*Corographia Portugueza*, tomo III, cap. XV, pp. 202-203).

encontrava aforado a Mateus, de quem se diz ser tendeiro e, em nota marginal, francês.

7. No sítio da Cova, um olival partia com o linhal do concelho e com Álvaro Fernandes. O foreiro do cerrado, do chão e do olival era João Lopes.
8. Outro cerrado junto ao castelo (como antes foi referido), aforado a Mateus *Francês*, anteriormente referido, nome a que adiante aludiremos pela sua singularidade.

As vinhas, os olivais e os soutos registam-se em apartado próprio. Encontrava-se, à ribeira de Monsalude¹⁸, um souto aforado a Pêro Fernandes do Ral. verificamos que, no foral manuelino de Dornes, dado em 1513 (Nov. 10), uma referência a Monsalude dá testemunho de que este aforamento em primeira pessoa se mantinha, dissipando-se então as dúvidas sobre a sua extensão. Transcrevemos deste foral o excerto que à questão se refere¹⁹: *E porquanto antre ho Comendador E ho povo Auja ora duuida sobre este nome de Monsaluo se seria toda a terra obrigada per elle Nos ouvemos por mujto sem duujda este caso per bem da Inqujriçam particular E Jsame que no dicto lugar mandamos fazer porquanto ho nome de monsaluo he soomente nome de huum casal com souto E terra que tudo traz pero fernandez Aforado em ujdias como cousa propria da ordem E esse soo casal se ha de Julgar por ho dicto nome de monsaluo E nam as outras cousas que ho comendador demandaua. E asy ho determijnamos que se cumpra E emtenda pera sempre.*

Tinha também a Ordem uma vinha à Madroeira, no sítio da Cruz, e outra no Chão dos Freires, de que era foreiro Francisco Pires. Ainda na Madroeira, vizinhando com a Mata da Ordem, possuía um souto que se encontrava aforado a Simão Dias e a Isabel Vaz da Mata. Acrescia uma vinha no lugar chamado Ventoso, confrontando com os herdeiros de Afonso *Manso*. O registo feito aquando do arrolamento dos casais, onde consta o nome de João Fernandes *Manso* como foreiro, permite-nos descortinar entre ambos uma relação familiar

18. Sobre este topónimo, identificado com *Munt Salut*, vejam-se as referências feitas em ALARCÃO, Jorge, «Percurso de Ibn Maruán», *Portugalia*, Nova Série, vol. 34, Porto, DCTP-FLUP, 2013, pp. 137-149 e PORTELA, Miguel, «Indícios de Cister em terras de Monsalude (Figueiró dos Vinhos) – Séculos XII-XIII», in *Mosteiros Cistercienses. História, Arte, Espiritualidade e Património*, Tomo III, Actas do Congresso, Alcoçaba, 2013 e ainda as respectivas bibliografias.

19. ANTT, *Leitura Nova, Forais Novos da Estremadura*, L.º 5, fl. 116.

próxima. Outros vizinhos eram Luís Pires e os herdeiros de *Sintrão*, o Velho. Já regressando a Frazoeira, havia outra vinha, que confinava com a de Vasco Gil e com herdeiros de Fernando Afonso, e estava aforada a Pêro Gonçalves do Alqueidão e a Luís Álvares do Beco, sendo co-foreiros Pêro Luís e Luís Anes da Mata.

Um *pedaço de mato* conhecido como *Vinha Morta* vizinhava com oliveiras dos herdeiros de Pedro Eanes e o seu foreiro era o órfão Cosme, cujo tutor era João Fernandes. Notamos que não é indicada a filiação do órfão, mas apenas o nome do seu tutor, cujos dois onomatos não são hoje suficientes para uma cabal identificação.

Em Barrede (será o actual lugar de Barrada) havia outro souto. Os vizinhos eram Iria Domingues, João Afonso da Beira e Duarte Gonçalves²⁰, sendo foreiro o escudeiro Pedro Anes. Junto a Santa Susana, a produção de um olival, que partia com os herdeiros do *Sintrão*, era do comendador-mor e, em Vila Nova, na proximidade da adega do *Frade*, um souto confrontava com outro de Pedro Eanes *Sintrão*, com Gonçalo Rodrigues e com Afonso Garcia, tendo sido aforado por Estêvão Fernandes do Outeiro. Voltando a Barrede, mencionam-se as confrontações do souto que confinava com o que anteriormente fora referido e cuja foreira era Branca Anes (e seus filhos), moradora na Ereira, propriamente em Penas Alvas, termo de Águas Belas²¹.

Abaixo do Porto do Judeu, partindo com o ribeiro de Cadafaz, com a levada da azenha, aforada por João Pires, e com os herdeiros de Rodrigo Afonso do Beco encontravam-se uma vinha e um salgueiral trazidos pelos herdeiros de um Lopo Gonçalves.

Mais um grande souto se arrola, em local hoje indeterminável (*à oliveira de Maria Anes*, como consta na descrição das suas confrontações, é mais um dos numerosos exemplos que podemos aduzir no que se refere à incerta localização das propriedades). Tinha-o tomado por emprazamento Pêro Luís, por foro novo. Somos tentados a identificá-lo com o tabelião homónimo que encontramos adiante.

Uma vinha, à Granja, estava da mão do comendador-mor; outra, à mata da Ordem, junto da estrada para Tomar, fora aforada a João

20. Cremos que este Duarte Gonçalves fora tabelião do público e judicial e escrivão da câmara e almotaçaria da vila de Dornes, cargo a que renunciara em 1500 (26 de Março), tendo sido de imediato substituído por João Duarte, talvez seu filho (31 de Março), ANTT, *Chancelaria de D. Manuel I*, L.º 12, fl. 10.

21. Águas Belas é actualmente uma freguesia do concelho de Ferreira do Zêzere.

Frade, morador em Dornes, em primeira pessoa; outra também na Frazoeira, aforada a Fernando Eanes *Junceiro*²² e à viúva de Diogo Fernandes de Paio Mendes. Ainda junto da Granja, uma vinha cujo foreiro era o barbeiro Álvaro Eanes, morador em Dornes, em primeira pessoa; e, confrontando com esta, estava outra, aforada aos herdeiros de Branca Afonso. Junto da vila, havia um olival na «Vinha Morta», que os visitantes tinham aforado a Bastião Rodrigues, e um outro de que fora feito aforamento a um João Fernandes que fica identificado por ser tutor de Cosme, a quem anteriormente fizemos referência.

Mais Soutos: à casa da Vinha, aforado a Pedro Eanes *Sinirão* e à viúva de Gil Fernandes; no termo da vila, entre a estrada para Cadafaz e a ribeira de Agualte, estava o «souto da Ordem», cujo novo foreiro era João *Sinirão*, talvez filho do anterior; a «mata da Ordem», nas imediações da estrada que ligava a Tomar, era coutada e nela havia lagares de azeite, mas ninguém a tinha aforado. Na Granja, uma vinha confrontava com a que trazia o comendador-mor, com a dos herdeiros de Heitor Gonçalves, com a do barbeiro Álvaro Eanes e fora aforada a Luís Anes, por foro novo. Logo outra, junto desta, cuja foreira era Domingas Lourenço, filha de João Lourenço, também por foro novo.

Aos moinhos e azenhas é dado o devido relevo, pois integram o Título seguinte. Começa o texto pela referência à ermida de S. Guilherme²³, que então se encontrava *mal telhada*, devendo também ser arranjadas as portas de um dos seus dois portais. O conjunto arquitectónico completava-se com uma casa-torre pequena, duas casas térreas e uma casa de palheiro, cujas portas se apresentavam em mau estado. Ao redor havia pomares e por ali corria o ribeiro de S. Guilherme, em cujas margens havia uma azenha e dois moinhos (segundeiro e alveiro), aforados a Álvaro Vaz de Dornes.

22. Não se encontra registado como antropónimo, mas temos o topónimo *Junceira*, antiga freguesia de Tomar, agregada a *Serra* aquando da reorganização administrativa de 2012-13. O topónimo deriva de «junça», uma planta herbácea de tubérculos comestíveis que possuem valor nutricional e que era também usada para o fabrico artesanal de cadeiras.

23. A ermida situar-se-ia junto à ribeira do mesmo nome; poderá ter sido edificada nas proximidades do lagar que ainda hoje aí existe e que foi reconstruído (www.zezerepedia.com, Lagar de S. Guilherme. Fundação Maria Dias Ferreira, Ferreira do Zêzere, *online*). Na região apenas sabemos que na comarca de Leiria (em Pedrome) terá existido uma ermida dedicada a S. Guilherme. ao assunto refere-se Carlos Moreira de Azevedo, *Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho em Portugal (1256-1834): Edição da Coleção de Memórias de Fr. Domingos Vieira, OESA*, Lisboa, Centro de Estudos de História Religiosa, Universidade Católica Portuguesa, 2011. [ISBN 9789728361372].

Outra azenha e horta conheciam um novo foreiro, João Gonçalves. Abaixo destes havia um moinho aforado a Rui Vaz, morador no termo da Sertã, e logo outra azenha, cujo foreiro era Bastião Rodrigues, que antes encontráramos em Vinha Morta. Outros moinhos e respectivos foreiros: à ponte da vila, um que trazia Luís Anes de Casal da Mata; na sua proximidade, um mais pequeno, aforado a João *Sintrão*, ambos já conhecidos e com interesses diversos na região. Abaixo da Frazoeira, havia outro que trazia Gonçalo da Frazoeira; no rio Zêzere, mais um, de que era foreiro Álvaro Afonso de Martim Brás; outro, aforado a Lucas Martins e mais um moinho a que se juntava um caneiro²⁴, onde encontramos o ferreiro João Afonso, do Beco. Os caneiros, aliás, eram frequentes no Zêzere, que propiciava pesca abundante, objecto de regulamentação e, não raras vezes, de discórdias²⁵.

Foreiros de caneiros eram também Heitor Rodrigues, o tabelião Pêro Luís, Álvaro Fernandes e Luís Anes de Dornes (em co-aforamento), João Lopes, Pedro Anes do Rio (que pagava de foro um sável ou uma lampreia, mais 30 reais), Lopo Vaz (com uns moinhos que estavam caídos), Pêro Pires do Rio e o ferrador Vasco Eanes, sendo que Luís Anes do Rio trazia aforado apenas um bocal (propriamente a beira do rio). Um conjunto de indivíduos, que, independentemente das profissões que exercessem, se envolviam numa actividade que era, decerto, valiosa e complementar.

As casas do pequeno meio urbano da vila são arroladas em Título próprio, e nelas encontramos Domingos Afonso, vizinho de João Lopes e dos herdeiros da *Pintada*, nas proximidades da albergaria. Na Rua Direita, *no fundo de villa*, Francisco Rodrigues, escrivão, era vizinho de Álvaro Eanes. Na praça situavam-se casas de maior relevo

24. Veja-se BLUTEAU, Rafael/SILVA, A. de Moraes, *Diccionario da lingua portugueza*, Tomo 1.º (A-F) Lisboa, 1789, p. 225. O caneiro era a via de entrada de peixe para a estacada ou caniçada. Colocada a armação de caniços, o peixe entrava na maré cheia e ficava retido nela quando a maré vazava.

25. Sobre estas questões vejam-se, nomeadamente, CONDE, Manuel Sílvia Alves, *Uma paisagem humanizada: o Médio Tejo nos finais da Idade Média*. Cascais, Patrimonia, 2000; COSTA, Paula Pinto, «Uma contenda entre a Coroa e a Ordem do Hospital: estruturas de pesca no rio Tejo», *Militarium Ordinum Analecta*, 8, 2007; VICENTE, Maria da Graça A. Silvestre, *Entre Zêzere e Tejo. Propriedade e Povoamento (séculos XIII-XIV)*. Tese de Doutoramento em História Medieval apresentada a FLUL, Lisboa, 2013 (polic.), *online*. no *Livro das Cortes Primeiras (1481-1490)* de D. João II respondeu o rei às queixas dos povos relativas aos «caneiros e pescarias», mandando averiguar se eram tão danosos quanto lhe fora referido, e mais não diz (*Aclamações e Cortes, Cortes*, maço 3, n.º 5, fls. 30-31) (*online*: PT-TT-ACRT-2-3-5_m0078/79.TIF).

– casas sobradadas, cuja escada de pedra tinha peitoril e mainel, com janelas de assentos e dois portais, conduzindo um deles à câmara de Henrique de Sousa, que as trazia aforadas e vizinhava com João Gil. Atrás da praça ficava uma casa degradada, de que era foreira Maria *Velha*. Este Henrique de Sousa deve ser o que encontramos referido num auto feito no ano de 1502 (Out. 7) por mandado do desembargador Diogo Pires, sobre um alvará do rei D. Manuel; procurava-se saber se havia algumas escrituras de compra ou de venda nos livros de notas dos tabeliães de Leiria; neste auto colhemos a informação de que Henrique de Sousa era cristão-novo²⁶. Poderemos acrescentar que Henrique de Sousa morreu antes de 1514, ano em que o filho, Miguel de Sousa, recebeu um pagamento por procuração da mãe, Isabel Ferreira²⁷.

Abaixo da praça ficavam outras boas casas, sobradadas e com «lógeas», que eram de Inês de Roges, mãe de D. Fernando de Sousa, comendador-mor²⁸, e que confrontavam com outras que lhe pertenciam. São estas as casas descritas no início do tombo, mas agora registam-se as suas medidas e confrontações, referindo-se que a sua construção se fizera por vontade de Inês de Roges. Com este apelido apenas conhecemos Pedro de Roges²⁹, mercador e morador em Alcácer de África, de quem temos testemunho entre os anos de 1514 e 1517.

Junto da igreja estavam umas casas térreas aforadas a João Fernandes, que aí vizinhava como os irmãos Pêro Luís e Isabel Luís.

26. Trata-se de um interessante documento em que se regista com invulgar precisão a data em que foi feito: *Anno do nascimento de nosso Sennhor Jhesu christo de mill E l^o E dous annos. Em sexta feira aas cimquo oras depois de meo dia. sete dias do mes d'outubro do dicto anno*. Nas pousadas do desembargador, em Leiria, foram vistos os livros de notas e foi mandado que um pregoeiro anunciasse a procura de escrituras que pudessem ter sido feitas no seu nome (ANTT, *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 3, n.º 20).

27. ANTT, *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 121, n.º 80.

28. Acerca da genealogia de D. Fernando de Sousa: SANTOS, José Maria Simões dos, «D. Frei Gonçalo de Sousa, comendador-mor da Ordem de Cristo», *Cadernos Barão de Arêde*, Revista do Centro de Estudos de Genealogia e Heráldica Barão de Arêde Coelho, n.º 3, Janeiro-Março 2015 (ed. digital), pp. 98-130.

29. Localizámos três documentos que se lhe referem: um mandado de Vasco Martins, contador de Alcácer de África, ao almoxarife Martinho Anes para pagar a Pedro de Roges oitocentos reais que lhe eram devidos das duas resmas de papel que dera para a despesa dos Contos (3 de Setembro de 1514; *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 51, n.º 40). Novo mandado de teor semelhante foi produzido no ano seguinte (7 de Agosto de 1515; *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 59, n.º 145), subindo o montante para oitocentos e cinquenta reais das 40 mãos de papel e *arradoma* de tinta. numa procuração passada em 1517 (25 de Julho), Pedro de Roges é identificado como mercador.